

A TEORIA DOS CAMPOS DE PIERRE BOURDIEU E O FENÔMENO ESPORTIVO: UMA ANÁLISE SOBRE AS DISPUTAS EM TORNO DAS “OBRAS DA COPA”

Igor Alexandre Silva Bueno¹ - Mestrando
Francisco Xavier Freire Rodrigues² – UFMT

Resumo:

O artigo descreve, define e aponta algumas possibilidades analíticas da teoria sociológica do campo esportivo fundada na sociologia de Pierre Bourdieu. Expõe o esquema explicativo da teoria do campo esportivo, propondo temas e possibilidades de sua utilização nas investigações das práticas esportivas. Trata-se de uma investigação qualitativa, tendo como técnicas revisão bibliográfica, análise de conteúdo e entrevistas. O esquema analítico de Bourdieu divide-se em funcional e estrutural. Em ambos, podem-se analisar as práticas e modalidades esportivas como campos especiais, relativamente autônomos dos campos econômico, político, religioso e social. A sociologia de Bourdieu identifica relações e associações entre o espaço social e o espaço do esporte, aponta possíveis homologies entre as posições ocupadas por determinados atores sociais em ambos os espaços, mesmo sem determinismo estrutural. A proposta analítica de Bourdieu para o esporte é um convite para pensar e investigar, de modo crítico, a economia, o Estado, a política e suas relações com o esporte, a cultura e a vida cotidiana. Por fim, apresentamos um breve exercício de imaginação sociológica acerca das chamadas “obras da Copa”, tendo como material empírico discursos de agentes diretamente envolvidos na construção do megaevento esportivo da FIFA 2014 no Brasil, tais como dirigentes esportivos, políticos, atletas e jornalistas sobre os significados da preparação de Cuiabá/MT como cidade sede dos jogos da Copa do Mundo 2014.

Palavras-chave: Teoria dos Campos. Pierre Bourdieu. Obras da Copa. Cuiabá/MT.

Abstract:

The article describes, defines and suggests some analytical possibilities of sociological theory founded on the sports field Pierre Bourdieu's sociology. Exposes the explanatory framework of the theory of the sports field, proposing themes and possibilities of its use in investigations of sporting practices. This is a qualitative research, with the technical literature review, content analysis and interviews. The Bourdieu's analytical framework is divided into functional and structural. In both, one can analyze the practices and sports fields as special, relatively independent of economic, political, religious and social fields. The Bourdieu's sociology identifies relationships and associations between social space and the space of the sport, points to possible homologies between the positions occupied by certain social actors in both spaces, even without structural determinism. The proposed Bourdieu's analytical for sport is an invitation to think and investigate, critically, the economy, the state, politics and their relationship with sport, culture and everyday life. Finally, we present a brief exercise in the sociological imagination about the “works of the Cup” calls, with the speeches of officials directly involved in the construction of the mega sports event in Brazil 2014 FIFA empirical material such as sports leaders, politicians, athletes and journalists on the meanings of the preparation of Cuiabá / MT as the host city of the games of the World Cup 2014.

Keywords: Theory of Fields. Pierre Bourdieu. Works of the Cup. Cuiabá / MT.

Introdução

Este trabalho tem por objetivo descrever, definir e apontar algumas possibilidades analíticas de um dos principais paradigmas na sociologia do esporte: a teoria de campo esportivo fundada na

1 Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos de cultura Contemporânea – ECCO da Universidade Federal de Mato Grosso- UFMT.

2 Professor Doutor do Departamento de Sociologia e Ciência Política – SOCIP da Universidade Federal de Mato Grosso UFMT.

sociologia de Pierre Bourdieu. O trabalho expõe o esquema explicativo da teoria do campo esportivo, propondo temas e possibilidades de sua utilização nas investigações das práticas e modalidades esportivas, com ênfase na análise sobre os discursos acerca das “Obras da Copa” do Mundo 2014 em Cuiabá/MT.

Nosso objetivo aqui é descrever inicialmente o esquema analítico de Bourdieu e posteriormente mostrar como é possível utilizar o referencial teórico deste sociólogo nas investigações do fenômeno esportivo. Busca-se mostrar como utilizamos os conceitos de campo e *habitus* na análise de situações concretas no debate sobre as “Obras da Copa” do Mundo 2014.

Algumas leituras na sociologia do esporte nos mostram que o desenvolvimento dessa sociologia na França teve como base de sustentação duas tradições teóricas: a primeira, baseada no trabalho de Pierre Bourdieu, pode ser denominada de *sporting field theory*, a *teoria do campo esportivo* (Clément, 1995). A segunda tradição, “desenvolvida por Jean - Marie Brohm, é freqüentemente rotulada de teoria neo-marxista, mas é denominada mais precisamente como *uma teoria crítica de esporte*” (Vaugrand, 2001, p. 183).

A metodologia utilizada é própria da pesquisa qualitativa. Realizamos revisão bibliográfica, entrevistas e consultas em sites e jornais.

O artigo se divide em quatro partes. A primeira parte consiste em uma breve introdução. A segunda apresenta o esquema analítico (funcional e estrutural) de Bourdieu. A terceira parte constitui uma tentativa de operacionalização dos conceitos de campo e *habitus* na análise de questões empíricas do fenômeno esportivo brasileiro, procurando mostrar as possibilidades de aplicação conceitos na construção de uma teoria do conhecimento na sociologia do esporte. A quarta e última parte apresenta algumas considerações finais.

1 O Esquema Analítico de Pierre Bourdieu

A proposta sociológica de Pierre Bourdieu (1998; 1995) permite nos pensar a produção do corpo a partir da história incorporada através de disposições. A categoria *habitus* é capital nesse empreendimento, pois nos possibilita entender a corporificação da história, ou seja, a internalização desta nos corpos dos indivíduos. Utilizando-se da categoria *habitus*, Bourdieu (1998; 1996) trata do papel do corpo no processo de socialização do sujeito, preocupado em entender como as estruturas sociais, dentro de determinadas condições sociais e históricas específicas, moldam o corpo do indivíduo, inscrevendo lhes valores, significados e regras de conduta.

Bourdieu (1998) considera que a dimensão cultural tem um importante papel na produção e manutenção de uma estrutura social dividida em classes superiores e inferiores. Daí ser importante entender eventuais relações entre os temas da cultura, da dominação e da desigualdade na sociedade capitalista. Na análise de Bourdieu (1998) acerca da dominação (esta como imposição de uma ordem simbólica dominante), a relação entre a estrutura social e a posição ocupada pelos atores sociais no sistema social ganha um destaque especial. Os dominados são aqueles que têm vozes silenciadas, e às vezes nem tem condições de participar ativamente da produção simbólica, pois são moldados pelas estruturas e valores dominantes.

Para Bourdieu (1998, p. 152)

Os que ocupam as posições dominadas no espaço social estão também em posições dominadas no campo de produção simbólica e não se vê de onde lhes poderiam vir os instrumentos de produção simbólica de que necessitam para exprimirem o seu próprio ponto de vista sobre o social.

O esporte ocupa um importante lugar na sociedade moderna, seja na estruturação dos espaços e posições sociais, seja na construção dos corpos. Neste sentido, o fenômeno esportivo também é um vetor que nos permite perceber e analisar a formação do *habitus*. O esporte pode ser entendido como um campo específico da vida moderna. Trata-se de um espaço social relativamente autônomo, que possui regras de funcionamento, tendo atores sociais interessados em definir as regras e os valores dominantes.

Mesmo sendo utilizado para orientar pesquisas sobre o esporte, é válido ressaltar que os jogos e as modalidades esportivas ocupam um pequeno espaço na teoria sociológica de Bourdieu. Pode-se até mesmo afirmar que o esporte é apenas um sub-campo na teoria sociológica deste importante sociólogo francês. O esporte aparece na obra de Bourdieu talvez muito mais pelo fato de que teoria do campo permite pensar o esporte como um campo relativamente autônomo, dotado de regras e atores sociais com interesses em disputar poder. Conforme Vaugrand (2001, p. 184), “This, of course, is because of the theory of habitus, which gives a great importance to human bodies, even if sport is only a subfield in Bourdieu’s theory”.

A proposta analítica de Bourdieu para as práticas esportivas pode ser dividida em dois esquemas diferentes: (1) o esquema funcional e (2) o esquema estrutural. Caracterizaremos a seguir cada um destes esquemas.

1.1 Esquema Funcional

As proposições de Bourdieu (1983; 1988; 1993; 1994; 1995; 1998) sobre as atividades desportivas, assim como as referentes a outros campos de relação e fenômenos sociais, são situadas dentro de um esquema estrutural-funcionalista. A cultura, em particular, tem uma função importante. A cultura tende a funcionar no sentido de preservar e reproduzir uma ordem social existente através da conservação e manutenção das posições e divisões no espaço social e, mais particularmente, ela abriga posições dominantes. Mesmo sendo um fenômeno que pertence também à esfera cultural, o esporte não necessariamente tem a função de preservar e reproduzir uma determinada ordem social. O esporte não aparece no pensamento de Bourdieu claramente como um vetor dominado e de dominação. Ao contrário de instituições como a escola, a universidade e a arte que são envolvidas objetivamente e subjetivamente nas relações de dominação de indivíduos dominantes sobre os subordinados (Berthelot, 1996, p. 207).

Uma interpretação do fenômeno esportivo como esfera de alienação e elemento utilizado na produção e reprodução dos valores capitalistas pode ser encontrada em alguns autores marxistas, tais como Adorno (1973), Vinnai (1978), Brohm (1982, 1972) e outros. A crítica frankfurtiana ao esporte o considera o ópio do povo, um instrumento utilizado pelas classes dominantes para preservar a estrutura de organização da produção e da sociedade capitalista. O esporte teria o papel de coisificar e alienar o homem. Tal perspectiva distancia-se da abordagem de Bourdieu.

Bourdieu (1996) considera que as práticas sociais empreendem algumas transformações sistêmicas que são criadas por meio de novas atividades que emergem a partir do declínio de determinadas atividades existentes. Tais transformações, se elas modificam o espaço das práticas (no caso as práticas do campo esportivo), não necessariamente modificam o espaço social homólogo ao que é reproduzido. Na verdade, a reflexão de Bourdieu tende a oscilar entre forma e função do esporte: destaca a forma para os dominantes e a função para os dominados.

Para determinados grupos sociais, esporte (praticado ou não, apreciado ou não) é uma figura, um prazer, uma questão, um meio e assim por diante. As práticas esportivas têm funções, formas e valores diferentes para os indivíduos, isso muitas vezes em consonância com a classe social a qual pertence o indivíduo. Descobrir as funções e os valores do esporte para seus praticantes é um empreendimento sociológico interessante. Neste sentido, cabe ao investigador social identificar e explicar as propriedades sociais importantes que são responsáveis por certa prática esportiva e os gostos e preferências de uma determinada categoria social. Aqui reside uma tarefa dos sociólogos do esporte. Conforme as palavras de Bourdieu (1988, p. 154): “O trabalho do sociólogo consiste em identificar as propriedades socialmente pertinentes que criam uma afinidade entre um determinado esporte e os interesses, os gostos, e as preferências de uma categoria social definida”.

As posições sociais dos atores no sistema social podem ser percebidas a partir de suas noções sobre o corpo. Os gostos, as preferências e os interesses por um determinado padrão comportamental obedecem a determinadas classificações predominantes em cada classe social. Com isso, pode-se dizer que as preferências pelas práticas esportivas são relacionadas às posições sociais ocupadas pelos indivíduos em cada sociedade.

1.2 Esquema Estrutural

Bourdieu (1995) lembra-nos de que para entender o esporte moderno é necessário estudar separadamente algumas modalidades esportivas para melhor conhecer a posição ocupada por elas (no campo esportivo) no espaço dos esportes e a distribuição dos praticantes tendo em conta a sua posição social.

É importante verificar também que existem diferenças na demanda por práticas esportivas entre as diferentes classes sociais. Geralmente, as classes sociais mais abastadas preferem os esportes individuais nos quais a figura do sujeito pode ser mais destacada (o golf, o tênis). Os indivíduos de classe sociais superiores econômica e culturalmente tendem a praticar esportes que não demandam grandes sacrifícios corporais. Já as classes populares preferem as modalidades esportivas coletivas e que demandam uma maior quota de sacrifício corporal. Nestes casos o futebol é um exemplo clássico (Bourdieu, 1995; Boltanski, 1987). A diferença central da prática esportiva de uma e/ou de outra classe social são as diferentes percepções e entendimentos em relação ao esporte e também da acessibilidade que as pessoas têm ao esporte.

Bracht (1997), analisando a instituição esportiva a partir do esquema teórico de Bourdieu, defende que o esporte amador é reservado à elite e o esporte espetáculo produzido por profissionais para a massa de expectadores, é destinado a um fim capitalista para as classes altas lucrarem com o interesse do povo para assistir os espetáculos esportivos. Tal concepção sugere que existe uma

determinada classe social, a burguesa, que tem preocupações estéticas associadas a prática esportiva, isso na busca da construção e conservação de um corpo considerado socialmente “bonito” (sadio e musculoso), e que existe uma outra classe social, a denominada classe popular, que tem na prática esportiva a tentativa de obtenção de uma compensação psíquica ou um mecanismo de ascensão social através da profissionalização no esporte.

Bourdieu sugere a seguinte hipótese geral: há uma homologia entre o espaço social e o espaço das práticas esportivas. Com isso, o autor advoga que existem relações entre as posições ocupadas pelos indivíduos no espaço social e a preferência por determinadas práticas esportivas. Vejam as palavras de Bourdieu (1988, p. 154)

A correspondência, que é uma verdadeira homologia, é estabelecida entre o espaço das práticas esportivas, ou, mais precisamente, o espaço das modalidades diferentes finamente analisadas da prática de jogos esportivos diferentes, e o espaço de posições sociais. Está na relação entre estes dois espaços que as propriedades pertinentes de cada prática esportiva estão definidas.

Na verdade, esta hipótese sugere que há correspondência entre o espaço das práticas esportivas e o espaço das posições sociais, sendo a relação entre estes espaços que define as propriedades de cada prática esportiva.

Bourdieu (1988, p. 155) ainda apresenta outra hipótese:

Práticas esportivas [...] podem ser descritas como o resultado da relação entre uma oferta e uma demanda, ou, mais precisamente, entre o espaço dos produtos oferecidos em um determinado momento e o espaço de disposições (associado com a posição ocupada no espaço social) e que se expressa provavelmente em outro consumo em conexão com outra demanda espacial.

As práticas esportivas seriam o resultado da relação entre oferta e procura, ou seja, produto da relação entre o espaço dos produtos oferecidos (em um determinado momento) e o espaço das disposições (associado com a posição ocupada no espaço social).

Na hipótese de Bourdieu (1988) que liga espaço esportivo e espaço social, têm-se outros dois espaços em uma relação praticamente homóloga, sendo as atividades esportivas, de um lado (demanda), e os programas esportivos (oferta) por outro lado. De acordo com esta hipótese, é necessário considerar que

[...] brings two other spaces into a homologous relation — the sport activities on the one hand (demand), and the sporting programmes on the other (supply). The possible limit is in the number of items, especially in the number of pairs of opposing items (the finite number of which limit an investigation). Replicating the work of Jean-Paul Clément, Bourdieu (1988) demonstrated that the internal contrasts in sporting activities such as judo, wrestling and aikido can be associated with significant characteristics in a number of particular positions in social space. In fighting sports, the contrast between

'body-to-body' and 'virility' on the one hand, and 'distanced' and 'light' on the other (1988: 154), shows a connection with the body which stems from important economic and cultural capitals and tends to link practices to particular dominant relations in the world which establish an important protective distance (for example, use of the sabre prevents hand-to-hand fighting), and a reduction in violence (which, for example, ensures possible practice of aikido at an older age, with a reduced possibility of trauma) (Vaugrand, 2001, p. 187).

Percebe-se que Bourdieu (1988) procurou explicitar que alguns contrastes internos em determinadas práticas esportivas (tomando como exemplos judô, lutas e aikido) podem ser relacionados com características importantes em diversas posições específicas no espaço social.

2 Campo Esportivo e *Habitus*: Operacionalizando a Teoria de Bourdieu

2.1 O Futebol e a Teoria dos Campos

Tendo em mente o esquema analítico apresentado anteriormente, pode-se dizer que Pierre Bourdieu nos fornece elementos para pensar o esporte moderno (o futebol) como uma esfera específica da vida social. Seus conceitos mais adequados para tal empreendimento são os de campo, *habitus* e capital.

A teoria dos campos (Bourdieu, 1983, 1993, 1994, 1995, 1996, 1998, 1999) nos auxilia na investigação do esporte moderno enquanto campo especializado da sociedade contemporânea. Campo no sentido de um espaço de diferenciação social, que funciona de acordo com regras e normas próprias, dotado de autonomia relativa frente à política, à economia e à religião. No campo existem atores sociais estratégicos preocupados em maximizar seus interesses e influenciar nas definições e divisões sociais. Existem disputas por poderes simbólicos e materiais (Rodrigues, 2003a, p. 63).

No campo esportivo, ocorrem lutas de diferentes modalidades. Algumas lutas giram em torno da definição e do uso legítimos do corpo, lutas estas que podem ser traduzidas nas disputas entre esporte amador *versus* esporte profissional; esporte coletivo *versus* esporte individual, esporte de elite *versus* esporte de massa. O advento do esporte profissional implicou em mudanças na forma e no significado social dos esportes.

Podemos analisar as lutas e disputas pela autoridade de definição legítima no futebol utilizando a teoria dos campos. Por exemplo, a abordagem sociológica das disputas pela profissionalização no futebol brasileiro (nas primeiras décadas do século XX), tendo de um lado, a elite aristocrática defensora do regime amador (o futebol como símbolo de distinção social, esporte utilizado como lazer e mecanismo de construção do caráter da juventude) e do outro lado, segmentos da classe operária que reivindicavam a implementação do regime profissional (o futebol como trabalho, uma profissão, e conseqüentemente um esporte democrático, aberto à participação de diversas classes sociais). A oposição entre futebol profissional e futebol amador caracterizou o cenário futebolístico brasileiro de 1900 a 1933, quando a profissionalização foi finalmente institucionalizada. Segundo Caldas (1990, p. 55-124), tal oposição representou disputas sociais e culturais entre duas classes sociais: a elite, defensora do futebol amador (esporte elitizado) como um esporte-lazer; e a classe proletária, os jogadores-operários e os negros da classe operária defendendo a regulamentação da profissão de

jogador de futebol, e conseqüentemente o fim do semi-profissionalismo ou *profissionalismo marrom (1923-1933)* (Caldas, 1990, p. 85). É para investigar estas disputas que utilizaremos o conceito de campo, de Bourdieu, entendendo cada classe como atores sociais dotados de disposições e posições que tentam impor suas visões sobre o futebol, concretizando seus projetos e interesses específicos (Rodrigues, 2003a, p. 64).

Uma outra questão relevante na temática futebolística que pode ser discutida à luz da teoria dos campos é exatamente a luta pela definição legítima de um estilo de organizar e jogar futebol no Brasil que se estabelece a partir da Copa de 1974. Antes de prosseguir, é necessário frisar que na Copa do Mundo de 1966, realizada na Inglaterra, o paradigma dominante no futebol brasileiro (tanto no que tange ao pensamento como a prática), o futebol-arte, entra em crise, pois o futebol-força europeu venceu a arte brasileira. A seleção brasileira fez uma péssima campanha naquela Copa, colocando em discussão a validade e a eficácia do futebol-arte, ou seja, do já consagrado estilo brasileiro de jogar futebol que havia vencido as Copas de 1958 e 1962. Na Copa de 1970 o Brasil apresentou um belo e eficiente futebol, fortalecendo novamente o futebol-arte como estilo de jogo representante da identidade nacional. No entanto, em 1974 a seleção brasileira novamente revela o anacronismo do futebol-arte, pois este foi derrotado pelo futebol-força. Com isso, as questões em torno da definição de um estilo de jogo para o Brasil voltam à tona.

As disputas giravam em torno do antagonismo: futebol-arte *versus* futebol-força. A questão era impor o estilo de jogo considerado legítimo e mais adequado ao Brasil. A grande questão era: a seleção brasileira deveria jogar um futebol moderno (aplicação tática, muita preparação física, com uma equipe defensiva) ou jogar o futebol romântico (a arte brasileira em campo, habilidade, magia, individualidade, futebol ofensiva)? O futebol brasileiro precisava se inserir na modernidade, no futebol competitivo, marcado pelo rigor nos esquemas táticos e na preparação física. Parecia que o nosso futebol-arte estava ultrapassado diante da eficiência física e tática do futebol-força. Este consistia em dotar os atletas de elevado preparo físico, sem cansaço para ocupar o campo e anular o estilo sul-americano de jogar futebol. O futebol moderno é feito de força, velocidade e resistência. O Segundo Gil (1994, p. 107), a partir de 1978 duas correntes de pensamento se confrontaram no campo futebolístico brasileiro: (a) *de orientação esquerdista*, defendida por João Saldanha, Nelson Rodrigues, torcedores e outros adeptos do futebol romântico, desejava o retorno do futebol-arte na seleção brasileira (futebol alegre, de dribles, improviso, malandragem, magia) e criticava a imitação de modelos e esquemas europeus de jogar futebol (o futebol-força); (b) *defendia nossa integração ao futebol-força*, uma forma de modernização do futebol brasileiro e sua inserção da elite do futebol mundial, através da adoção de um estilo racional, pragmático, competitivo. Nesta corrente, colocam-se técnicos estudiosos do futebol europeu, como Admildo Chiról, Cláudio Coutinho e Carlos Alberto Parreira, defensores da importação de modelos/estilos europeus. Na verdade, o debate acima mencionado pode ser pensado a partir da velha oposição entre tradição e modernidade, sendo o futebol-arte um aspecto tradicional e o futebol-força um elemento da modernidade.

O conceito de campo nos permite ainda investigar a superação do associacionismo como forma de organização dos clubes e o advento do futebol-empresa. A Lei Zico (Lei nº 8.672/93) estabeleceu a obrigatoriedade dos clubes se transformarem em empresas, mas alguns dirigentes

esportivos, como Eurico Miranda, Fábio Koff entre outros se colocaram contra, pois defendiam a manutenção do regime de organização dos clubes de futebol como entidades futebolísticas não comerciais, associações esportivas e/ou filantrópicas, livre de fiscalizações do governo. Na verdade, dois atores se enfrentavam e se enfrentam: governo (através do Ministério dos Esportes, defensor do fim da filantropia no futebol brasileiro, estabelecendo que o incentivo estatal e as isenções fiscais seriam anacronismos, pois o futebol é um produto da indústria cultural de entretenimento que deve ser regulado pelas leis do mercado. O Ministério decreta um sistema rigoroso de fiscalização e prestação de contas por parte dos) e os clubes (interessados em manter o sistema anterior, clubes como associações sem fins lucrativos) (Rodrigues, 2003b; Proni, 2000).

A profissionalização do jogador de futebol é um processo de racionalização, diferenciação social e consolidação de um campo de trabalho específico e relativamente autônomo. A análise do processo de emergência e consolidação do futebol como um campo específico no esporte brasileiro pode ser um belo exercício de operacionalização do conceito de campo. As lutas que possibilitaram o advento do futebol profissional no Brasil nas primeiras décadas do século XX são elementos da autonomização do campo futebolístico brasileiro (1894-1933). A constituição de um mercado de trabalho no futebol brasileiro consolida-se somente na década de 1930, quando a profissionalização é institucionalizada. É neste momento que surge um mercado produtor e consumidor de futebol organizado. Assim, a autonomia, a racionalização e a especialização do campo futebolístico resultam de um conjunto de conflitos entre duas ideologias: a do amadorismo e a do profissionalismo. (1) A primeira era defendida pela elite, a qual tinha no futebol apenas um tipo de lazer. A elite praticava o futebol “puro”, símbolo de distinção social, um passatempo, um tipo de lazer, sem preocupações materiais (no futebol amador nos anos 20 vencer uma partida não significava lucros, atração de patrocínios e investimentos, nem os praticantes do futebol eram remunerados para jogar). O futebol amador seria desvinculado de interesses econômicos. Trata-se de um dos pólos que marcaram o debate na sociologia do esporte entre “esporte de alto rendimento” e “esporte lazer”, entre jogo e esporte. (2) A segunda ideologia era defendida pelos jogadores-operários, pressionando pela profissionalização. Os jogadores de futebol eram trabalhadores, exerciam outras atividades além do futebol, pois não eram profissionais. Aqui vale lembrar dois exemplos clássicos de jogador-operário: Garrincha e Tesourinha. O primeiro começou sua carreira futebolística no Sport Club Pau Grande em 1949, time organizado pelos operários da tecelagem Cia. América Fabril de Paul Grande no Rio de Janeiro (Antunes, 1994, p. 109; Castro 1995). Além de receber o salário como operário, recebia presentes e gratificações como segundo salário. É ilustrativo por demais o caso de Tesourinha, um dos grandes jogadores do SC Internacional na década de 40. Ao assinar seu primeiro contrato profissional por 200\$000 mensais e mais dois litros de leite e um quilo de carne diariamente, Tesourinha continuou no seu antigo emprego de artífice de armeiro na Briga Militar (Ostermann, 1999, p. 46). Os jogadores não viviam da profissão do futebol exatamente porque não havia um campo futebolístico autônomo de outras esferas sociais.

Em 1933, a profissionalização finalmente acontece. A partir daí constitui-se um novo e promissor mercado de trabalho no Brasil³. Os dirigentes esportivos agora possuem o poder de tomar decisões e legislar sobre o futebol. É também neste período que o jogador surge como um trabalhador que vive da carreira de jogador de futebol. As lutas e os conflitos pela definição legítima da prática futebolística podem ser entendidos como disputas por posições e imposições entre os defensores do amadorismo - “a elite tentando manter o privilégio de ser a única classe social a praticar o futebol como forma de lazer” (Caldas, 1990, p. 59); - e a classe operária, adepta do profissionalismo, tentando institucionalizar o futebol como uma profissão. Esta oposição: amadorismo/profissionalismo configura-se como um conflito de classes.

A autonomização do futebol, entendida aqui como a formação de um campo, consolida-se com o processo de profissionalização, momento no qual o futebol constitui uma esfera relativamente separada da economia; os jogadores-operários transformam-se em trabalhadores do futebol. Podemos até comparar o jogador com um artista, produtor de bens culturais, livres de outras preocupações materiais, pois sua profissão lhes garante emancipação financeira.

A organização do futebol agora deixa de ser negócio da elite política. Na realidade, deu-se o mesmo que aconteceu com a esfera cultural, retratada por Bourdieu (1999). Consideramos que (a) o futebol ganha um mercado produtor: os jogadores e empresários que organizam o espetáculo tornam-se profissionais que instituem normas e regras para gerenciar este negócio como um ramo da indústria cultural, pertencente ao setor de serviços de entretenimento: multiplicam-se as instâncias de legitimação da prática futebolística (clubes, associações, confederações, ligas, federações) e de difusão do futebol (a imprensa); (b) emerge um mercado consumidor do produto futebol: os torcedores pagam para ver o espetáculo e compram os produtos que levam as marcas dos clubes (Rodrigues, 2003a, 2002a).

Com a produção do futebol para o mercado, o futebol amador restringe-se a determinados setores sociais. O elitismo também chega ao seu fim. A legitimidade do futebol parece derivar dos próprios organizadores, que ganham autonomia para criar normas, leis, decidir sobre regulamentos e competições, sem levar em conta fatores externos. O campo futebolístico ganha contornos externos, tornando-se cada vez mais diferenciado e autônomo socialmente.

2.2 A Teoria dos Campos e as “Obras da Copa”

Antes e durante o mundial FIFA 2014 realizado no Brasil, inúmeras notícias foram veiculadas na mídia apresentando discursos prós e contra a realização da Copa do Mundo 2014. Os mais diferentes setores da sociedade brasileira apresentavam sua opinião a respeito do mega-evento, promovendo manifestações de amor e ódio por todo o país. As disputas em torno do monopólio sobre o discurso legítimo acerca dos benefícios e prejuízos da Copa 2014 podem ser analisadas a partir da teoria dos campos de Bourdieu, pois entende-se o campo como um espaço social diferenciado com normas e

3 Para uma análise do processo de profissionalização do futebol no Brasil, ver Rodrigues (2002) “A sociologia das profissões e a sociologia do esporte: profissionalização e mercado de trabalho no futebol gaúcho”. CD XXVI Encontro Anual da ANPOCS 2002. São Paulo: 2002.

regras próprias de funcionamento, com atores sociais interessados. No caso, os dirigentes esportivos, jornalistas, torcedores e políticos são atores sociais com discursos e interesses diversos sobre as chamadas “Obras da Copa”.

Nesse sentido, apresentaremos uma análise dos discursos sobre a Copa do Mundo por meio das matérias publicadas nos mais diferentes veículos de comunicação, principalmente nos portais de notícia *on line* do estado de Mato Grosso. Buscando identificar os agentes produtores dos discursos sobre o mundial de futebol da FIFA. Pode-se dizer que formam-se dois grupos. Os favoráveis à Copa, os quais apresentavam os impactos dos benefícios financeiros advindos para o estado, bem como os legados positivos nos setores da urbanização, turismo, geração de emprego e renda e desenvolvimento da região. E os desfavoráveis, que evidenciavam os altos investimentos destinados ao evento, em vez de serem direcionados para setores como a educação, segurança, saúde e moradia.

A notícia veiculada no dia 08 de setembro, pelo portal Olhar Direto⁴ apresenta matéria abordando sobre o uso do COT - Centro Oficial de Treinamento, ou como foi rebatizado, Centro Olímpico de Treinamento da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, evidencia que o local está sendo usado com frequência pelos clubes de futebol da cidade. Cristiano Dresch, vice-presidente do Cuiabá Esporte Clube, clube local de futebol, acredita que a estrutura criada/construída para a Copa do Mundo 2014 fará com que o futebol de Mato Grosso cresça: “Os COTs são legados que a Copa do Mundo deixou para Cuiabá e Várzea Grande. Duas ótimas opções para treinamentos semanais e futuramente para jogos oficiais de menor porte. Essas novas estruturas certamente irão impulsionar o futebol de Mato Grosso, principalmente dos clubes da baixada cuiabana”.

Outro dirigente de um dos mais importantes clubes de futebol profissional da cidade vizinha, Várzea Grande/MT, afirma que a estrutura do COT do Pari é excelente e que é única na cidade. “É uma estrutura excelente, principalmente para nós de Várzea Grande que não temos um estádio próprio. O operário tem 65 anos de história e uma das maiores torcidas do Estado e com certeza essa torcida fará uma grande festa em todos os nossos jogos. Vai ser o nosso ‘caldeirão’ operário”, afirma o presidente Operário Esporte Clube Giovani Banegas. Outra fala que vai de encontro com a ideia de legado tangível positivo para Cuiabá é apresentada pelo engenheiro responsável da Secopa (Secretaria Extraordinária da Copa do Mundo de Mato Grosso) Marcelo de Oliveira. Oliveira apresenta outra visão a respeito dos investimentos sobre a Copa em Mato Grosso. “Em 2016 o Brasil vai promover os Jogos Olímpicos, no Rio de Janeiro. Já pensou se uma numerosa delegação de um país europeu ou nórdico resolver vir fazer a preparação num dos nossos COTs para se adaptar ao clima do Rio de Janeiro, o que isso vai representar para o nosso turismo?”

A fala do senador Cidinho Santos do PR-MT publicada no site do Senado Federal⁵ afirma que segundo o site portal de UOL, a Arena Pantanal foi eleita como o melhor estádio do mundial

4 Disponível em http://www.olhardireto.com.br/copa/noticias/exibir.asp?noticia=Legado_da_Copa_COT_da_UFMT_e_aprovado_pelos_clubes_do_Estado&id=11394 http://www.olhardireto.com.br/copa/noticias/exibir.asp?noticia=Legado_da_Copa_COT_da_UFMT_e_aprovado_pelos_clubes_do_Estado&id=11394 acesso em 01 de nov. 2014. Disponível em: <http://hipernoticias.com.br/TNX/imprime.php?cid=20415&sid=188> acesso em 01 de nov. 2014.

5 <http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2014/07/01/cidinho-santos-enumara-beneficios-da-copa-do-mundo-para-o-mato-grosso>

nos quesitos acesso, segurança, atendimento dos voluntários, alimentação e conforto. Além da cidade receber autoridade internacional como a presidente do Chile, Michele Bachelet, como também inúmeros turistas do mundo todo. “No que diz respeito a Cuiabá, existem, sim, obras em andamento, mas que serão concluídas. É o caso do VLT (Veículo Leve sobre Trilhos), cujas obras estão atrasadas, mas a perspectiva do governo do estado é de que, no próximo ano, os primeiros 22 quilômetros sejam entregues à população. Se não fosse a Copa do Mundo, durante 40 anos talvez, Cuiabá não receberia essas obras” Afirma o senador Cidinho Santos (PR-MT).

Observa-se na fala dos dirigentes dos clubes de futebol da cidade de Cuiabá e Várzea Grande como também do senador de estado de Mato Grosso, um grande otimismo no que tange a construção e utilização dos novos equipamentos esportivos advindos como legados da copa do mundo bem com uma projeção nacional da cidade de Cuiabá e região para o mundo. Estes atores sociais se pronunciaram a partir de posições sociais interessadas neste campo, sendo portanto, defensores das “Obras da Copa”, pois são convictos dos seus benefícios.

No bloco oposto encontram-se as falas que evidenciam os grandes gastos com as obras para a realização do mundial de Futebol. Em matéria apresentada no portal de notícias RDnews do dia 14 de junho de 2014, a qual tem como manchete: Trincheira Jurumirin está com 2 anos de atraso e já custa R\$ 7,3 mi a mais, evidencia o atraso na obra e os altos custos envolvidos. Em matéria do site BBC Brasil, o coordenador da câmara de engenharia civil do Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura (CREA) do Mato Grosso André Schuring afirma: “Lá em novembro, quando fizemos os relatórios (da vistoria de algumas obras) que foram entregues em janeiro, nós já identificávamos que muitas das obras não iam ficar prontas’ e acrescenta: “Não adianta dizer que vai ficar pronto no final de dezembro, porque engenharia não é desejo. Se continuar neste ritmo, não vai”. Na mesma matéria intitulada: “Ainda em obras, Cuiabá aposta em legado pós-Copa” publicada em 7 de junho de 2014, o promotor de Justiça Carlos Eduardo Silva, membro do grupo de fiscalização das obras da Copa do Ministério Público do Mato Grosso afirma: “Nós já havíamos feito um levantamento com técnicos de que essa obra não ficaria pronta para a Copa do Mundo. Isso era claro desde o início. E também questionávamos o volume de recursos que seriam aplicados nessa obra”. O promotor acrescenta: “A Secopa tentou aproveitar alguns projetos, alguns planos urbanísticos já existentes no planejamento do município de Cuiabá, como no caso das trincheiras em avenidas, mas esses projetos eram inconsistentes, não eram projetos bem acabados”.

O que é possível notar que os discurso dos dirigentes e autoridades são difusos e representam a variedade de opiniões a respeito das obras da Copa do Mundo. Tais falas se refletem na opinião de grande parte da população que avalia positiva e negativamente os aspectos dos legados da copa do mundo. Uma opinião favorável ou contrária vai depender muito de qual lado do prisma se observa ou do setor com qual está envolvido. Como diria Pierre Bourdieu, os atores sociais têm diversos interesses sobre a mesma questão, por isso, tentam justificar suas visões de mundo e suas disposições para defender ou criticar as chamadas “Obras da Copa”.

Um dos entrevistados argumentou que não é contrário ao uso dos recursos públicos nas obras de preparação para a Copa de 2014. Vejamos o trecho a seguir: “Não, desde que tudo que foi proposto para que a Copa fosse realizada em Cuiabá saia do papel” (Entrevistado D, 24, M. desempregado).

Trata-se de uma opinião favorável aos investimentos estatais, mas com a condição de que realmente as obras sejam feitas e não permaneçam no papel, no projeto e nos discursos.

Vejamos outras avaliações semelhantes: “Já que destruíram nosso estádio sou a favor” (Entrevistado A, desempregado, 28 anos, M).

“Sou a favor, porém acredito que não era necessária um “elefante branco” daquele tamanho” (Entrevistado F, M, 21, estudante).

“E qual dinheiro se utilizaria? A contradição existente na execução da construção da Arena diz respeito ao alto investimento do governo nesta obra. A princípio estipulose um valor X e este já extrapolou o orçamento apresentado, desse modo, temos que lembrar que outros setores de prioridade (saúde e educação) para a população mato-grossense não estão sendo atendidos”. (Entrevistado B, F, 23, estudante)

“A favor, pois de qualquer forma a estrutura permanecerá”. (Entrevistado C, 20, M, desempregado).

“Não, desde que o estádio tenha alguma utilidade posterior a Copa para Cuiabá e Mato Grosso”. (Entrevistado D, 24, M. desempregado).

“Não sou contra, acho que deve ser realizada, porém com responsabilidade pública” (Entrevistado F, M, 21, estudante).

Esses são discursos interessantes, pois destacam que mesmo tendo investimentos públicos na preparação de Cuiabá/MT para sediar a Copa de 2014, alguns legados ficaram para o povo, o que certamente deverá contribuir com o desenvolvimento socioeconômico local.

“Os investimentos para a Copa irão trazer benefícios de curto e longo prazo para a sociedade mato-grossense. Neste momento a mídia vem divulgando o aumento do número de empregos, principalmente no setor da construção civil no que diz respeito à ampliação e adequação do setor hoteleiro/turístico, pois o Estado de Mato Grosso não dispõe de uma logística capaz para atender a grande demanda de turistas que virão para os jogos na capital. Assim, o governo está disponibilizando cursos gratuitos para a capacitação profissional da população com o objetivo de inseri-la economicamente nesse evento de âmbito mundial, o qual no curto período em que é realizado arrecada grande lucro para os diversos ramos da economia. Em longo prazo teremos a infra-estrutura planejada para a Copa, tais como: a construção de rodovias, modernização do transporte, reforma do aeroporto, modernização das vias públicas, bem como a revitalização de praças e áreas de lazer, ampliação do setor hoteleiro e, conseqüentemente investimentos para as atividades turísticas de Mato Grosso que possui grande potencial, ou seja, as várias áreas de atuação do ramo – turismo de eventos, turismo rural, ecoturismo, turismo cultural, turismo de aventura, turismo místico, etc., mas que infelizmente neste momento são poucos explorados, entretanto os olhos dos empresários estão voltados para as cidades sedes da Copa, e Cuiabá por não ter o setor turístico desenvolvido está atraindo muito investimento no setor hoteleiro e de alimentação”. (Entrevistado B, F, 23, estudante).

Temos também avaliações positivas acerca deste mega-evento, o que denota que os cuiabanos alimentam esperanças em relação ao legado da Copa de 2014. Vejamos as falas abaixo:

“Infra-estrutura, geração de empregos e etc.” (Entrevistado C, 20, M, desempregado).

“Em minha opinião sim, pois com os projetos que foram lançados para que pudesse ter a Copa em Cuiabá. Se todas as obras propostas pelo governo e a prefeitura saírem do papel e forem realmente feitas, isso trará mais conforto, segurança, desenvolvimento para sociedade cuiabana e mato-grossense. No qual foi prometido obras que ira transformar Cuiabá em uma cidade moderna” (Entrevistado D, 24, M. desempregado).

“Acredito que trará benefícios sim, porém haverá um maior investimento na infra – estrutura do estado, além é claro de colocar Mato Grosso no cenário nacional dos grandes eventos” (Entrevistado F, M, 21, estudante). Trata-se de transforma Cuiabá/MT em uma “cidade do mundo”, conforme destaca Black em suas análises sobre os mega-eventos esportivos.

De acordo com os entrevistados, investimentos em infra-estrutura e geração de empregos serão os principais benefícios que a Copa de 2014 trará para Cuiabá e Mato Grosso. Verificamos que o discurso para justificar os benefícios da Copa de 2014 centra-se na “modernidade”, a esperança de tornar a capital de Mato Grosso em uma cidade realmente moderna. Neste sentido, entendemos o futebol como um produto da modernidade e que globaliza o processo civilizador (ELIAS, 1992; DAMATTA, 1994, 1982). O megaevento Copa do Mundo de Futebol é um elemento da modernidade (HORNE, 2007).

Indagamos acerca dos empregos supostamente criados com a realização da Copa de 2014 em Cuiabá. Os entrevistados responderam que esperam a criação de novos empregos:

“[...] nas áreas de construção civil, turismo, segurança” (Entrevistado A, desempregado, 28 anos, M).

“[...] no setor de turismo, na construção civil e comercio” (Entrevistado C, 20, M, desempregado).

“[...] pois na área de construção civil irá ter muitas vagas pelo fato das várias obras que foram propostas, também acredito que o turismo será afeto principalmente na época da copa, como também em outras áreas ligadas de forma direta ou indireta com a Copa”. (Entrevistado D, 24, M. desempregado).

Considerações Finais

Este trabalho teve por objetivo descrever e definir o esquema analítico de Bourdieu como um dos principais paradigmas na sociologia do esporte. Realizamos um exercício analítico utilizando os conceitos de campo e habitus a partir da investigação de casos concretos no futebol brasileiro e especialmente a partir da análise dos discursos sobre as “Obras da Copa”.

Temos consciência de que a natureza deste trabalho não permite algo mais do que simples indicações gerais acerca dos temas e questões discutidos. As análises e interpretações elaboradas aqui são provisórias, não devem ser tomadas como conclusões, visto que nossa pretensão era fazer

um simples exercício. Portanto, nossa reflexão deve ser entendida como indicações para trabalhos posteriores na sociologia do esporte.

Sintetizando, vimos que o esquema analítico de Bourdieu pode ser dividido em dois: funcional e estrutural. Em ambos podem-se analisar as práticas e as modalidades esportivas como campos especiais e relativamente autônomos dos campos econômico, político, religioso e social. Entretanto, a perspectiva de Bourdieu sugere que há relações e associações entre o espaço social e o espaço do esporte, podendo haver homologia entre as posições ocupadas por determinados atores sociais em ambos os espaços. Não se trata de determinismo estrutural.

Vimos também que o paradigma de Bourdieu abre inúmeras possibilidades de análises na sociologia do esporte, incluindo uma variedade de temas. Os estilos de jogo, a profissionalização do jogador de futebol, o fim do passe, a modernização, a flexibilização das relações de trabalho no futebol, as disputas administrativas e organizacionais travadas nos clubes, federações e governo são alguns dos temas que podem ser investigados à luz da teoria de Bourdieu.

Em suma, podemos assegurar que a proposta analítica de Bourdieu para o esporte é um convite para se pensar e investigar, de modo crítico, a economia, o Estado, a política e suas relações com o esporte, a cultura e a vida cotidiana. Trata-se de fazer uma sociologia política do esporte e também uma sociologia política do futebol. Vimos que os discursos conflitantes sobre as “Obras da Copa” indicam que o campo é permeado por atores sociais diversos, com disposições e interesses diferentes.

Referências Bibliográficas

ACCARDO, A. *An Introduction to Sociology: social conjuring. A reading of Bourdieu*. Bordeaux: Mascaret, 1991.

Actes de la recherche en sciences sociales. L'Espace des sports 1. (sept.): 79, 1989.

ADORNO, T. *Tiempo libre. Consignas*. Buenos Aires: Editora Amorroutu, 1973.

ANTUNES, F. O futebol nas fábricas. *Revista USP*, São Paulo, n. 22, jun./jul./ago. 1994. (Dossiê Futebol).

ARAÚJO, R. B. de. *Os gênios da pelota: um estudo do futebol como profissão*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - PPGAS/Museu Nacional/UFRJ, Rio de Janeiro, 1980.

BOLTANSKI, L. *As classes sociais e o corpo*. Rio de Janeiro: Graal, 1987.

BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. 5. ed. São Paulo: Editora Perspectivas, 1999.

_____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. *As regras da arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____. Jeux olympiques: programme pour une analyse. *Actes de la recherche en sciences sociales*. 103: 102-3, 1994.

- _____. Deporte y clase social. In: AA. VV.: *Materiales de sociología del deporte*. Genealogía del poder/23, Madrid: Ediciones de la Piqueta, 1993.
- _____. Program for a Sociology of Sport. *Sociology of Sport Journal*. N. , 1988, pp. 153-161.
- _____. Como é possível ser esportivo? *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1983.
- BRACHT, V. *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*. Vitória: UFES, 1997.
- BROHM, J. M. Sociología política del deporte e la civilización del cuerpo: sublimación y desublimación represiva. BROHM, J. M. *Deporte, cultura y represión*. Barcelona: Gustavo Gili, 1972.
- _____. *Sociología política del deporte*. México: FCE, 1982.
- CALDAS, W. *O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro*. São Paulo: IBRASA, 1990.
- CASTRO, R. *Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- CLÉMENT, J. P. Contributions of the Sociology of Pierre Bourdieu to the Sociology of Sport. *Sociology of Sport Journal*. n 12, 1995, 147-157.
- DAMATA, Roberto. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro., São Paulo (Dossiê Futebol), n. 22, jun./jul./ago. 1994.
- DA MATTA, R. (Org.). *Universo do Futebol*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- DAMO, A. S. *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002 (Coleção academia).
- DEFRANCE, J. L'Autonomisation du champ sportif: 1890-970. *Sociologie et Sociétés*. 27 (1), 1995, 15-31.
- ELIAS, N. & DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.
- FAURE, J. M. & SUAUD, C. Les enjeux du football. *Actes de la recherche en sciences sociales*. 103: 3-6, 1994.
- GIL, G. O Drama do 'futebol-arte': o debate sobre a seleção nos anos 70. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, n. 25, ano 9, junho de 1994.
- GIULIANOTTI, R. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.
- HELAL, R. *O Que é Sociologia do Esporte*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- HORNE, John. The Four 'Knowns' of Sports Mega-Events. *Leisure Studies*, v. 26, n. 1, pp. 81-96, January 2007.
- JANET, M. *Sport in Society: between reason (s) and passion (s)*. Montreal: Harmattan, 1991.
- PRONI, M. W. *A metamorfose do futebol*. Campinas: Unicamp/IE, 2000.
- RODRIGUES, F. X. F. *A formação do jogador de futebol no Sport Club Internacional (1997-2002)*.

Porto Alegre: PPGS/UFRGS, 2003a (Dissertação de Mestrado em Sociologia).

_____. *Clubes, empresários e jogadores de futebol: o fim do passe e as condições sócio-profissionais do jogador de futebol no Brasil (2001-2004)*. Porto Alegre: PPGS/UFRGS, Projeto de Tese de Doutorado em Sociologia. 2003b. Texto digitado.

_____. Pós-modernidade, mercado e a mobilidade do jogador de futebol: um estudo empírico sobre os impactos do fim do passe no futebol gaúcho. *Anais do XI Congresso Brasileiro de Sociologia: Sociologia e conhecimento: além das fronteiras*. Campinas: SBS, setembro 2003c.

_____. A sociologia do trabalho e a sociologia do futebol: uma análise da flexibilização das relações de trabalho no futebol brasileiro (2001-2003). *Sociedade e Cultura*, v. 6, n. 1, jan/jun. 2003d.

_____. Futebol e teoria social: uma introdução à sociologia do futebol brasileiro. *Ciências Sociais Unisinos*, UNISINOS, São Leopoldo-RS, n. 160, v. 38, jan/jun 2002a.

_____. A sociologia das profissões e a sociologia do esporte: profissionalização e mercado de trabalho no futebol gaúcho. *Anais do XXVI Encontro Anual da ANPOCS 2002*, Caxambu/MG. XXVI Encontro Anual da ANPOCS, 2002b.

LEITE LOPES, S. J. & FAGUER, J. P. L'invention du style brésilien: sport, journalism et politique au Brésil. *Actes de la Recherche Sciences Sociales*, École de Hautes Etudes en Sciences Sociales, Paris, 103, jun/1994, pp.27-35.

TOLEDO, L. H. de. *Lógicas no futebol*. São Paulo: Hucite/Fapes, 2002.

VAUGRAND, H. Pierre Bourdieu and Jean-Marie Brohm: their schemes of intelligibility and issues towards a theory of knowledge in the sociology of sport. *International Review for the Sociology of Sport*. 36/2 (2001) 183-201.

VINNAI, G. *El fútbol como ideología*. Ciudad de México: Siglo Veintiuno, 1978.

WACQUANT, L. J. D. *Respuestas la una antropología reflexiva*. Grigalbo, México, 1995.